

*NICHOLAS SPARKS*

*O SORRISO DAS ESTRELAS*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MARIA DO CARMO ROMÃO*

*REVISÃO DA TRADUÇÃO*

*SALVADOR GUERRA*

ASA

**T**rês anos antes, numa manhã quente de novembro de 1999, Adrienne Willis regressou à estalagem e à primeira vista pareceu-lhe estar tudo na mesma, como se a pequena casa fosse impermeável ao sol e à areia e à humidade salgada. O alpendre fora recentemente pintado e, em ambos os andares, as portadas negras e brilhantes alternavam com janelas de cortinas brancas como o teclado de um piano. A madeira que cobria a casa era cor de neve suja. De ambos os lados do edifício, as espigas da aveia do mar acenavam a sua saudação e a areia formava uma duna arredondada que se alterava imperceptivelmente com o passar dos dias, à medida que cada grão mudava de um lugar para outro.

Com o sol acima das nuvens, o ar tinha uma qualidade luminescente como se as partículas de luz estivessem suspensas na bruma, o que fez com que Adrienne se sentisse recuar no tempo. Mas olhando mais de perto, começou aos poucos a reparar nas alterações que a pintura não poderia alterar: a decadência nos cantos das janelas, as marcas de ferrugem

junto ao telhado, as manchas de água perto dos algerozes. A estalagem parecia estar a dar as últimas e embora Adrienne soubesse que nada poderia fazer para a melhorar, fechou os olhos como se pudesse recuar por magia àquilo que ela já fora.

Agora, na cozinha da sua própria casa, poucos meses depois de ter feito sessenta anos, Adrienne desligou o telefone depois de falar com a filha. Sentou-se à mesa, recordando a última visita que fizera à estalagem, recordando o longo fim de semana que aí passara. Apesar de tudo o que acontecera nos anos posteriores, Adrienne ainda se agarrava à crença de que o amor é a essência de uma vida cheia e maravilhosa.

Lá fora a chuva caía. Ao escutá-la bater contra a vidraça, sentia-se grata por aquela sensação de familiaridade. Recordar aqueles dias causava-lhe uma mistura de emoções muito parecida com a nostalgia. A nostalgia era muitas vezes romantizada; não havia qualquer razão para tornar essas recordações mais românticas do que já eram. Nem ela as partilhava com outras pessoas. Eram suas e, com o passar dos anos, acabara por considerá-las uma espécie de exposição de museu de que era ao mesmo tempo a curadora e a única mecenas. E, estranhamente, Adrienne acabara por acreditar que aprendera mais nesses cinco dias do que em todos os anos anteriores e posteriores.

Estava sozinha na casa. Os filhos tinha crescido, o pai falecera em 1996 e havia já dezassete anos que se divorciara de Jack. Embora os filhos insistissem por vezes com ela para que encontrasse alguém com quem passar os anos que lhe restavam, Adrienne não tinha vontade de o fazer. Não que desconfiasse dos homens; pelo contrário, mesmo agora, de vez em quando dava por si atraída por homens mais jovens no

supermercado. Como por vezes pouco mais velhos eram do que os seus filhos, sentia curiosidade em descobrir o que pensariam eles se reparassem que os observava. Pô-la-iam imediatamente de parte ou sorririam, considerando encantador o seu interesse? Não sabia. Nem sabia se seria possível para eles não repararem no cabelo já grisalho e nas rugas e verem a mulher que ela fora.

Mas não lamentava ser mais velha. Hoje em dia as pessoas falavam incessantemente das glórias da juventude, mas Adrienne não tinha qualquer desejo de voltar à juventude. É verdade que sentia a falta de algumas coisas – subir as escadas a correr, transportar mais do que um saco de mercearias ao mesmo tempo, ou ter energia para acompanhar os netos quando corriam pelo pátio – mas tudo isso trocava de bom grado pelas experiências que tivera e com as que eram próprias da idade. Era o facto de poder olhar para trás e de se aperceber que não teria feito a maior parte das coisas de maneira diferente que a fazia adormecer com facilidade.

Além do mais a juventude tinha os seus problemas. Não só se recordava de os ter tido na vida, como vira os filhos passarem pela angústia da adolescência e pela incerteza e o caos dos vinte e poucos anos. Embora dois já tivessem passado dos trinta e o outro fosse a caminho, por vezes perguntava a si própria quando deixaria a maternidade de ser um emprego a tempo inteiro.

Matt tinha trinta e dois anos. Amanda trinta e um e Dan acabara de fazer vinte e nove. Sentia-se orgulhosa de que os três tivessem cursos universitários pois em determinada altura duvidara que os conseguissem terminar. Eram honestos, bons e autossuficientes e, em geral, fora o que sempre quisera para

eles. Matt trabalhava como contabilista, Dan era o jornalista desportivo que aparecia no noticiário da noite de Greenville e eram ambos casados e com família própria. Recordava-se que quando tinham vindo passar o Dia de Ação de Graças, ela se sentara de parte a vê-los correr atrás dos filhos, sentindo-se estranhamente satisfeita por tudo ter corrido bem com os dois filhos.

Como sempre, as coisas eram um pouco mais complicadas para a filha.

Os miúdos tinham catorze, treze e onze anos quando Jack saíra de casa e cada um deles reagira ao divórcio de maneira diferente. Matt e Dan levaram a agressividade para os campos de atletismo e para as participações ocasionais nas peças escolares, mas Amanda fora a mais afetada. Sendo a filha do meio, entre os dois irmãos, fora a mais sensível e, na adolescência precisava do pai em casa, nem que fosse para se distrair dos olhares preocupados da mãe. Começou a vestir-se com o que Adrienne considerava farrapos, a andar com um grupo que ficava até tarde na rua e nos dois anos seguintes jurou estar profundamente apaixonada pelo menos por uma dúzia de rapazes diferentes. Depois de vir da escola, passava horas no quarto a ouvir música que fazia vibrar as paredes, ignorando os chamamentos da mãe para o jantar. Havia períodos em que mal falava com a mãe ou com os irmãos.

Demorou uns anos, mas por fim, Amanda encontrou o seu caminho, instalando-se num tipo de vida estranhamente semelhante ao que fora antigamente o de Adrienne. Conheceu Brent na faculdade, casaram logo depois de acabar o curso e tiveram dois miúdos nos primeiros anos de casamento. Como muitos casais jovens, tinham algumas dificuldades

financeiras, mas Brent era prudente, ao contrário de Jack que nunca o fora. Assim que a primeira criança nasceu, fez um seguro de vida por precaução, embora nenhum deles pensasse vir a precisar de tal coisa durante muito, muito tempo.

Enganaram-se.

Brent morrera, fazia agora oito meses, vítima de um cancro testicular extremamente agressivo. Adrienne vira Amanda afundar-se numa depressão profunda e, no dia anterior, quando viera deixar os netos que tinham ido passar algum tempo com ela, encontrara as cortinas da casa corridas, a luz do alpendre ainda acesa e Amanda sentada na sala de roução com a mesma expressão vaga que lhe vira no dia do funeral.

Fora então, enquanto estava sentada na sala de Amanda, que Adrienne soube que era tempo de falar à filha no passado.

Catorze anos. Fora há catorze anos.

Em todos esses anos, Adrienne contara apenas a uma pessoa o que se passara, mas o pai morrera, levando consigo o segredo, incapaz de o contar, mesmo que o quisesse.

A mãe falecera quando Adrienne tinha trinta e cinco anos e embora tivessem uma boa relação, sempre fora mais chegada ao pai. Ainda pensava que ele fora um dos dois homens que, de facto, a compreendera, e tinha saudades dele, agora que partira. A vida dele fora típica de muitos da sua geração. Tendo aprendido uma profissão em vez de ir para a universidade, passara quarenta anos numa fábrica de móveis com um vencimento que aumentava um pouco quando chegava janeiro. Usava um chapéu de feltro mesmo durante os meses mais quentes, levava o almoço numa marmita cujas dobradiças

rangiam e saía de casa pontualmente às seis e quarenta e cinco da manhã para percorrer os mais de dois quilómetros que o separavam do emprego.

À noite, depois do jantar, vestia um casaco de malha e camisas de mangas compridas. As suas calças amarrotadas conferiam à sua figura um ar desleixado que se tornava mais pronunciado à medida que os anos passavam, principalmente depois da morte da mulher. Gostava de se sentar num cadeirão com uma lâmpada amarela junto a si, lendo *westerns* e livros sobre a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos, antes dos AVC, os seus óculos antiquados, sobrancelhas hirsutas e rosto enrugado davam-lhe mais o ar de professor universitário reformado do que do operário que fora.

Havia no seu pai uma tranquilidade que ela sempre desejara para si. Pensava muitas vezes que ele teria dado um bom padre ou ministro e as pessoas que o conheciam pela primeira vez, partiam geralmente com a impressão de que ele estava em paz consigo próprio e com o mundo. Era um bom ouvinte; descansava o queixo na mão e sem afastar o olhar do rosto das pessoas que falavam com ele, mostrava empatia e paciência, humor e tristeza. Adrienne desejou que ele ali estivesse para ajudar Amanda; também ele perdera a mulher e provavelmente Amanda escutá-lo-ia, nem que fosse por ele saber como a situação era difícil.

Um mês antes, quando Adrienne tentara falar com Amanda acerca daquilo por que a filha estava a passar, esta levantara-se da mesa com um movimento brusco da cabeça.

– Isto não é como tu e o pai – dissera. – Vocês não conseguiam resolver os vossos problemas, por isso divorciaram-se.

Mas eu amava o Brent. Amá-lo-ei sempre e perdi-o. Não sabes o que é passar por uma coisa destas.

Adrienne nada dissera, mas depois de Amanda sair da sala, baixara a cabeça e pronunciara uma única palavra.

*Rodanthe.*

Embora Adrienne se sentisse solidária com a filha, estava preocupada com os netos. Max tinha seis anos, Greg quatro e nos últimos oito meses Adrienne notara alterações nas suas personalidades. Tinham começado ambos a isolar-se e eram agora silenciosos. Nenhum deles jogara futebol nesse outono e embora Max se portasse bem no jardim de infância, chorava todas as manhãs antes de ir para lá. Greg voltara a fazer chichi na cama e tinha birras à menor provocação. Adrienne sabia que em parte essas alterações eram o resultado da morte do pai, mas também refletiam a pessoa em que Amanda se transformara a partir da última primavera.

Amanda não precisava de trabalhar porque recebera o seguro. Mesmo assim, nos primeiros meses depois da morte do genro, Adrienne passava os dias em casa dela, pondo as contas em ordem e preparando as refeições das crianças, enquanto Amanda dormia e chorava metida no quarto. Abraçava a filha sempre que esta precisava, ouvia-a quando ela queria falar e obrigava-a todos os dias a passar pelo menos uma ou duas horas ao ar livre, acreditando que assim ela se recordaria que poderia recomeçar a vida.

Adrienne pensava que a filha estava melhor. No princípio do verão, Amanda começara a sorrir de novo, a princípio de vez em quando, depois com maior frequência. Aventurou-se



a ir à cidade algumas vezes, levou os miúdos a patinar e Adrienne começou, aos poucos, a afastar-se das tarefas em que a substituía. Para Amanda seria importante retomar a responsabilidade da sua vida; Adrienne sabia por experiência própria que a filha poderia encontrar conforto nas rotinas diárias e esperava que, diminuindo a sua presença, ela se visse obrigada a reconhecê-lo também.

Mas em agosto, no dia em que faria sete anos de casada, Amanda abriu o guarda-fatos do quarto principal, viu o pó acumulado nos ombros dos fatos de Brent e, de repente, deixou de melhorar. Não regrediu exatamente – havia momentos em que parecia ser a pessoa de sempre – mas na maior parte do tempo parecia imobilizada numa situação intermédia. Não estava nem deprimida nem feliz, nem entusiasmada, nem apática, nem interessada nem aborrecida com o que se passava à sua volta. Para Adrienne, parecia que Amanda se convencera de que, se melhorasse, mancharia as recordações de Brent e decidira-se a não permitir que tal acontecesse.

Mas não era justo para as crianças. Precisavam que ela os orientasse e lhes desse atenção. Precisavam que ela lhes dissesse que ia correr tudo bem. Já era suficientemente difícil terem perdido o pai, mas ultimamente parecia a Adrienne que tinham igualmente perdido a mãe.

Na luz suave da cozinha, Adrienne olhou para o relógio. A seu pedido, Dan levava Max e Greg ao cinema para ela poder passar a noite com Amanda. Tal como Adrienne, os seus dois filhos estavam preocupados com a situação dos miúdos da irmã. Não só tinham feito esforços para se manterem

muito ativos na vida dos rapazinhos, como ultimamente todas as conversas que tinham com Adrienne começavam ou terminavam com a mesma pergunta: *O que fazemos?*

Hoje, quando Dan fizera a mesma pergunta, Adrienne prometera conversar com Amanda. Embora o filho se mostrasse cético – não tinham já tentado? –, a mãe sabia que naquela noite, seria diferente.

Adrienne tinha poucas ilusões acerca do que os filhos pensavam dela. Sim, amavam-na e respeitavam-na como mãe, mas sabia que nunca a *conheceriam*. Aos olhos dos filhos era bondosa mas previsível, doce e estável, uma alma amiga de outra era que atravessara a vida com a ideia ingênua de um mundo intacto. Claro que aparentemente era assim – as veias começavam a aparecer-lhe nas mãos, a figura era agora mais quadrada do que em forma de ampulheta, a graduação dos óculos aumentava todos os anos – mas quando os via a olharem para ela com a expressão de quem queria animá-la, tinha por vezes de sufocar uma gargalhada.

Sabia que parte do erro deles provinha do desejo de a verem de uma certa maneira, segundo uma imagem aceitável para uma mulher da sua idade. Era mais fácil – e, francamente, mais confortável – pensar que a mãe era mais calma do que ousada, uma pessoa persistente e não alguém com experiências que os surpreenderiam. E assim mantinha essa aparência de mãe previsível, doce e estável pois não tinha qualquer interesse em fazê-los mudar de opinião.

Sabendo que Amanda chegaria a qualquer momento, Adrienne foi ao frigorífico buscar uma garrafa de Pinot grigio que colocou na mesa. A casa arrefecera desde a tarde, por isso aumentou o termostato a caminho do quarto.

O quarto que antigamente partilhava com Jack era agora só seu e já o redecorara duas vezes desde o divórcio. Adrienne dirigiu-se para a cama de dossel que sempre quisera ter desde pequena. Encostada à parede, por baixo da cama, havia uma pequena caixa de cartas que Adrienne apanhou e colocou sobre a almofada a seu lado.

Lá dentro estavam as coisas que guardara: o recado que ele deixara na estalagem, uma fotografia dele tirada na clínica e a carta que recebera umas semanas antes do Natal. Por baixo, havia dois maços de missivas trocadas entre eles, divididas por um búzio que tinham encontrado na praia.

Adrienne pôs de lado o recado e retirou um envelope de um dos maços, recordando-se de como se sentira quando o lera pela primeira vez e depois abriu a folha já muito fina e quebradiça e, embora a tinta estivesse esbatida pelos anos passados desde que fora escrita, as palavras eram ainda muito nítidas.

*Querida Adrienne,*

*Nunca tive grande jeito para escrever cartas, por isso espero que me perdoes se não for capaz de me exprimir.*

*Acredites ou não, cheguei esta manhã de burro e descobri onde terei de passar os meus dias durante algum tempo. Quem me dera dizer-te que era melhor do que imaginava, mas francamente não posso. A clínica tem falta de quase tudo – medicamentos, equipamento e as camas necessárias – mas falei com o diretor e creio poder retificar pelo menos parte do problema. Embora tenham um gerador elétrico, não há telefones, por isso não poderei*

*ligar-te senão quando for a Esmeraldas. É a cerca de dois dias de viagem daqui e o próximo abastecimento só chega dentro de algumas semanas. Lamento, mas ambos suspeitávamos que poderia ser assim.*

*Ainda não me encontrei com o Mark. Tem estado numa clínica de assistência nas montanhas e só regressa ao final da noite. Depois conto-te como correu, mas não espero grande coisa logo de início. Como tu própria disseste, creio que precisamos de tentar conhecer-nos antes de resolver os problemas que existem entre nós.*

*Nem consigo dizer-te quantos doentes atendi hoje. Diria que mais de cem. Há mesmo muito tempo que não consultava doentes com este tipo de problemas, mas a enfermeira ajudou-me muito, até porque eu parecia perdido. Creio que se sente grata por eu aqui estar.*

*Desde que parti que penso constantemente em ti e pergunto a mim próprio por que razão o caminho que estou a percorrer teve de passar por ti. Sei que esse caminho ainda não terminou e que a vida é um atalho cheio de curvas, mas espero que dê a volta e me faça regressar ao lugar a que pertença.*

*É assim que penso agora. Pertença-te. Enquanto vim a conduzir e depois durante a viagem de avião, imaginei que, quando chegasse a Quito, ver-te-ia entre a multidão à minha espera. Sabia que seria impossível, mas, sem saber porquê, tornou um pouco mais fácil ter de te deixar. Foi quase como se parte de ti me tivesse acompanhado.*

*Quero acreditar que é verdade. Não, não é isso – eu sei que é verdade. Mas conhecemo-nos, eu andava tão*

*perdido e, mesmo assim, viste em mim algo que me deu um novo rumo. Ambos sabemos a razão por que fui a Rodanthe, mas não posso deixar de pensar que foi obra de forças importantes. Fui até lá para fechar um capítulo da minha vida, na esperança de encontrar o meu caminho. Mas era de ti, penso eu, que sempre andei à procura. E és tu quem agora está comigo.*

*Ambos sabemos que tenho de ficar aqui durante algum tempo. Não sei quando voltarei e embora ainda pouco tenha passado, apercebo-me de que tenho mais saudades tuas do que já tive de qualquer outra pessoa. Em parte apetece-me meter-me num avião e ir ver-te agora mesmo, mas se isto é tão real como penso, tenho a certeza de que tudo correrá bem. E prometo-te que volto. No pouco tempo que passámos juntos, tivemos aquilo com que a maioria das pessoas apenas sonha, e conto os dias que faltam para te voltar a ver. Nunca esqueças o muito que te amo.*

*Paul*

Quando acabou de ler, Adrienne pôs de lado a carta e pegou no búzio que tinham encontrado havia muito tempo, numa tarde de sábado. Ainda cheirava a sal, a intemporalidade, ao cheiro primitivo da própria vida. Era de tamanho médio, de forma perfeita e sem rachas, uma coisa quase impossível de encontrar na espuma dos Outer Banks depois de uma tempestade. Um presságio, pensara ela na altura, e lembrava-se de o ter levado ao ouvido e de dizer que conseguia ouvir o barulho do mar. Paul rira-se e dissera-lhe que *era* o mar que ela estava a ouvir. Depois abraçara-a, murmurando:

– A maré está cheia, não sei se reparaste.

Adrienne procurou ainda entre o conteúdo da caixa as coisas de que necessitava para conversar com Amanda, desejando ter mais tempo para ver o resto. Talvez mais tarde, pensou. Meteu os restantes objetos na gaveta de baixo, sabendo que não haveria necessidade que Amanda visse aquelas coisas. Agarrando na caixa, afastou-se da cama e alisou a saia.

A filha chegaria em breve.